

1. AFIRMAÇÃO DA VIDA E SACRIFÍCIO HUMANO

(Franz J. Hinkelammert)

Através da inversão dos direitos humanos — inversão de normas e inversão ideológica — o sacrifício da vida humana passa a ser parte inseparável da afirmação política dos direitos humanos. Mas somente através da afirmação dos direitos humanos se pode afirmar a vida humana em sua plenitude mais amplamente possível. Portanto, pela inversão dos direitos humanos o sacrifício da vida humana se torna parte integrante da afirmação da vida humana. Vida e morte deixam de ser pólos abstratamente separáveis e se tornam uma unidade na qual pela afirmação da vida surge a afirmação, embora subordinada, da morte. *In media vita in morte sumus.*

Afirmação da vida e sacrifício humano estão entrelaçados e se penetram a partir da inversão dos direitos humanos. Não podemos afirmar abstratamente uma sociedade pela vida sem nos darmos conta que também a afirmação da vida dentro de uma sociedade, que afirma a vida, implica no sacrifício e, portanto, na administração da morte. Ao garantir a vida é também inevitável administrar a morte em função da vida. A relação vida-morte jamais é maniqueamente pura. A meta, portanto, só pode ser que haja o melhor sacrifício humano possível.

Do ponto de vista da sociedade, sempre há sacrifício humano. Não somente sociedades arcaicas sacrificaram vidas humanas, as sociedades atuais também o fazem. O sacrifício humano é intrínseco à sociedade humana na medida em que a afirmação dos direitos humanos passa pela inversão deles. Haver ou não sacrifícios humanos no plano religioso não muda em nada o fato de existirem na sociedade. No plano da religião, que sempre gira de alguma maneira em torno da vida e do sacrifício humano, se dá sentido à vida e ao sacri-

fício, independentemente do fato de haver sacrifícios religiosos ou não, ou em que forma.

A nível da sociedade, isso significa que há seres humanos que são sacrificados no altar dos direitos humanos. Quem é o Deus para o qual estamos sacrificando os homens? Mesmo que digamos que estes homens são sacrificados para que não haja sacrifícios humanos, continuam sendo sacrifícios humanos. O fato de hoje todos os sacrifícios humanos serem legitimados pelo anúncio segundo o qual são realizados para que não haja sacrifícios humanos produziu a aparência de que os próprios sacrifícios humanos desapareceram.¹ Porém, até o sacrifício humano ritual continua existindo, embora pareça outra coisa, e Auschwitz é até agora o pior sacrifício humano ritual que conhecemos em toda a história humana.

Segundo a análise anterior, a relação vida-sacrifício se dá nos seguintes contextos:

1. Este sacrifício, para que não houvesse sacrifícios, vinculou-se muito cedo com a tradição cristã. Nota-se isso na Epístola aos Hebreus. O resultado geral da análise do sacerdócio de Cristo é: "Pois onde há remissão, já não há oblação pelo pecado" (Hb 10,18). Declara-se o fim dos sacrifícios. Mas também se diz: "Porque aqueles que foram iluminados uma vez, já saborearam o dom celestial, já participaram do Espírito Santo, já experimentaram a doçura da palavra de Deus e os prodígios do mundo vindouro e apesar disso caíram na apostasia, é impossível renovar outra vez pela conversão. Pois de novo estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à afronta" (Hb 6,4-6). Declara-se que os apóstatas voltam a crucificar, quer dizer, a sacrificar o Filho de Deus. Volta-se, portanto, ao sacrifício sem ser salvífico. Mas aqueles que tornam a sacrificar o Filho de Deus são agora de novo sacrificados: "Quanto maior castigo julgais que merece quem pisar aos pés o Filho de Deus, e profanar o sangue da aliança, em que foi santificado, e insultar o Espírito da graça? Pois bem sabemos quem é aquele que disse: 'minha é a vingança. Eu é que retribuirei'. E depois: 'O Senhor julgará seu povo'. Terrível é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10,29-31).

É a crucifixão dos crucificadores, agora apresentada como o sacrifício dos que sacrificam o Filho de Deus. É a raiz cristã da inversão do amor ao próximo. É terrível a história destes textos, que culminou nas chamas dos hereges queimados pela Inquisição, que ainda hoje não se apagaram. Trata-se de sacrifícios humanos rituais, mas não aparecem assim. Mas seres humanos são sacrificados *ad maiorem Dei gloriam*.

O que é verdadeiramente horrendo é a afirmação de que é horrendo cair nas mãos do Deus vivo.

Sobre a crucifixão dos crucificadores, ver HINKELAMMERT, Franz J., *As armas ideológicas da Morte*, III parte.

A inversão ideológica dos direitos humanos não faz senão uma secularização deste arquétipo agressivo. Escravidão para os escravizadores, diz John Locke. Despotismo absoluto para os déspotas. Hoje o governo de Reagan diz: terrorismo para os terroristas. O que se faz é sacrificar, crucificar, escravizar, submeter ao despotismo e ao terrorismo os seres humanos. Isso é feito para que não haja mais sacrifício, crucificação, escravidão, despotismo absoluto e terrorismo. Mas se pretende abolir tudo isso levando à sua culminação e infalivelmente *ad maiorem Dei gloriam* ou *ad maiorem humanitatis gloriam*.

Trata-se de dissolver, e esse é o sentido do sacrifício de Cristo, este sacrifício *ad maiorem Dei gloriam*, embora isso só seja possível aproximativamente. A inversão ideológica é exatamente a lei que, segundo São Paulo, mata.

1) *O sacrifício humano pela ordem* — e, portanto, depois da inversão dos direitos humanos — acompanhado pela identificação da manutenção da ordem e da afirmação da vida. A ordem representa então tanto as relações sociais de produção como sua dimensão de servir como princípio de hierarquização dos direitos humanos. Este tipo de sacrifício aparece tanto na ordem burguesa como na ordem socialista. Tem dois aspectos: de auto-sacrifício e de sacrifício de outros. O auto-sacrifício consiste na autotransformação para poder funcionar na linha da inércia da ordem social e inclui a autotransformação para a disposição de matar, que por parte do defensor da ordem é vivida como um auto-sacrifício, uma superação de si mesmo.² A outra dimensão é dada diretamente pela inversão, seja de normas, seja ideológica, dos direitos humanos, que sacrifica os outros pela ordem. Este sacrifício pela ordem tem uma dimensão irracional quando está desligado das exigências da vida concreta e pode desembocar na transformação do defensor da ordem numa máquina de matar até o suicídio coletivo, ordem em favor da qual a própria vida humana é destruída.

2. Este auto-sacrifício do dominador eleito é descrito muito bem por um comentarista da imprensa conservadora quando se refere ao "contraterror" que o governo de Reagan declara hoje: "Quando se pretende ser a 'cabeça do mundo livre', o centro da civilização ocidental e a espinha dorsal de uma aliança internacional de povos que compartilham ideais e objetivos, não resta outro remédio senão pagar o alto preço que estas responsabilidades acarretam. Inglaterra, França e Espanha em certos momentos de sua história pagaram tributo às consequências de sua liderança... É doloroso, é terrível, os justos pagam pelos pecadores, mas estas parecem ser as leis da guerra terrorista" (Carlos Alberto Montaner em *La Nación*, 25-7-1985, p. 15A, San José, Costa Rica). O alto preço que se há de pagar é o auto-sacrifício do dominador auto-escolhido, que é doloroso, terrível, não para os sacrificados mas para aquele que se sacrifica ao sacrificar os outros. Sobre esta transformação do sacrificador em verdadeiro sacrificado se pode citar os próprios termos do discurso de Himmler, chefe dos SS nazistas, em Posen, em 1943. Sobre este discurso diz outro autor: "A verdadeira vítima agora é o verdugo que, como dissera Himmler a seus homens, deve fazer por amor à sua causa uma tarefa desagradável, assumindo a angústia originada em sua execução; sentir-se escolhido pelo destino, porém, redime toda a culpa" (MORANDÉ, Pedro, *Cultura y modernización en América Latina*. Universidade Católica do Chile, Santiago, 1984, p. 71). Morandé leva muito a sério a presença do sacrifício humano em nossa cultura atual.

Precisamente esta mística do auto-sacrifício demonstra como, através da inversão ideológica dos direitos humanos, as reivindicações dos explorados são transformadas no ressentimento dos dominadores. A dor sofrida pelos explorados é transformada na dor sofrida pelo explorador por causa de sua ação de explorar. Carregar o grande peso de efetuar a exploração é agora sua legitimação perante o explorado. No entanto, este seu ressentimento volta a projetá-lo no explorado, atribuindo a ele este ressentimento em forma de inveja. É neste último sentido que Nietzsche interpreta o ressentimento.

2) *O sacrifício humano pela afirmação da vida imediata.* Neste caso não há identificação entre manutenção da ordem e afirmação da vida e sim uma relação conflitiva entre ambas. Surge a disposição ao sacrifício numa outra dimensão do que o sacrifício pela ordem. Trata-se da disposição de ser sacrificado pela vida. Trata-se do extremo oposto do sacrifício pela ordem. O sacrifício de quem se sacrifica pela afirmação da vida imediata é realizado pelo defensor da ordem e, portanto, como sacrifício pela ordem. Mas cai sobre aquele que afirmou a vida diante da ordem com a disposição de ser sacrificado. É o sacrificado quem dá sua vida, mas a vida lhe é tirada na forma de um sacrifício pela ordem. Ao dar sua vida, faz um sacrifício, cuja essência é uma oferenda da própria vida. Mas é a outra face do sacrifício pela ordem. O sacrifício pela ordem está portanto ligado à afirmação da vida em dois sentidos. Por um lado, no sentido ideológico da identificação da ordem e da vida humana: sendo a ordem a vida, sacrificar outros pela ordem é visto como afirmação da vida. Por outro lado, o sacrifício pela ordem cai sobre aquele que afirma a vida sem considerar as leis da ordem como vida imediata. Embora tal afirmação não seja política, politicamente significa, ou pode significar, uma provocação. Esta afirmação da vida imediata implica, ao ser conseqüente, a disposição de perder a vida pela vida. Ao ser sacrificado pela ordem em nome de uma suposta identidade entre ordem e vida e, portanto, em nome da vida, oferece sua vida pela vida e faz um sacrifício válido ao aceitar ser sacrificado. Mas seu sacrifício é por uma vida para além da ordem social em nome da qual é sacrificado. O sacrifício da vida por parte de Jesus só é compreensível nesta linha. Em sentido estrito ele não se sacrifica, mas é sacrificado pela ordem. Mas ele assume esta sua morte pela vida imediata e assim oferece sua vida pela vida. Na ressurreição se manifesta que esta vida não é ilusória e sim real. No sentido da oferenda da vida, Jesus se sacrifica porque leva sua disposição em afirmar a vida para além das ameaças de morte em nome do sacrifício pela ordem. Sacrifica-se somente neste sentido.

Este sacrifício pela vida imediata não é nem auto-sacrifício nem auto-imolação em sentido estrito. Portanto, não tem a

mínima conotação de suicídio. É uma vida testemunhal imediata sem considerar as leis da ordem e aceita ser sacrificado pela ordem como consequência da provocação que tal vida significa do ponto de vista da ordem política, ao negar a legitimidade da inversão³ ideológica.

Este sacrifício da vida pela vida imediata contém sua plenitude na ressurreição e, portanto, é através da ressurreição que se dá a morte da morte. Mas a morte *não morre por dar morte mas por sofrê-la como oferenda da vida*, que na ressurreição se mostra real e superior. Na visão do sacrifício pela ordem isso é diferente. Ali também se fala da vida como morte da morte. Mas trata-se da morte *dada* ao rebelde, que é a morte da morte e, portanto, vida, significando vida nada mais do que a própria ordem política.

3) *O sacrifício pela afirmação política da vida concreta.* Na afirmação política da vida humana trata-se da afirmação de uma ordem política que sempre existe junto com relações sociais de produção, que se transforma em princípio de hierarquização. Isso cria um conflito político pela ordem e uma correspondente inversão dos direitos humanos, tanto no próprio conflito como na nova ordem, uma vez estabelecida. Luta-se positivamente por um determinado tipo de sociedade. A legitimidade desta luta está na afirmação da vida humana imediata em toda a sua plenitude. No entanto, uma luta política atua sempre, necessariamente, sob condições de factibilidade e não simplesmente sobre o que é desejável. As condições de factibilidade impõem a institucionalização de uma nova ordem e a nova ordem implica o estabelecimento de um poder político com a consequente inversão dos direitos humanos. Estando a legitimidade na afirmação da vida, a nova ordem se torna operativa pela administração da morte, quer dizer, através de sacrifícios humanos. Isso é inevitável, embora a raiz da nova ordem seja legítima; a justificação da ordem institucional está exclusivamente em sua inevitabi-

3. Sobre esta interpretação, ver: SOBRINO, Jon, *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis, Vozes, 1983. Também: HINKELAMMERT, Franz J., *El Dios Mortal: Lúifer y la Bestia. La legitimación de la dominación en la tradición cristiana*, in: TAMEZ/TRINIDAD (ed.), *Capitalismo: violencia y anti-vida*. DEI-EDUCA, San José, 1978, p. 199-314, especialmente p. 213-216.

lidade, dadas as condições de factibilidade política da afirmação da vida. Nestes limites continua sendo uma ordem questionável em função da afirmação da vida imediata e sua validade se apóia sobre a aspiração de poder tornar controlável a inversão dos direitos humanos e, assim, minimizá-la.

Agora, os dois tipos de sacrifício se misturam. Por um lado, aparece o sacrifício pela afirmação da vida imediata, que é a raiz sacrificial de uma sociedade que afirma politicamente a vida humana. Mas, sendo de tipo político a afirmação da vida, aparece novamente o sacrifício pela ordem como conseqüência da inversão inevitável dos direitos humanos na nova sociedade. Este dualismo é insuperável e condicionará a história futura da nova sociedade.

Através da inversão dos direitos humanos e os conseqüentes sacrifícios pela ordem também para a sociedade socialista continua existindo algo que já os analistas mais lúcidos da sociedade burguesa destacaram para esta sociedade: o pacto mefistofélico, como o formulado por Goethe, e como é retomado por Max Weber. Se não se pode separar, em termos maniqueus, vida e morte, também não se pode separar tão olímpicamente Deus e o Diabo. Goethe resume isto assim: *nemo contra deum nisi deus ipse.*⁴

2. A HISTÓRIA DO CÉU: PROBLEMAS DO FUNDAMENTALISMO CRISTÃO

(*Franz J. Hinkelammert*)

O céu tem uma história, assim como a terra. Ao mudar a terra, muda o céu, pelo simples fato de que o céu é uma imaginação humana a partir da terra. O céu é, em certo sentido e na maioria das vezes, um projeto humano inconsciente. É isso especificamente na tradição cristã, na qual aparecem os projetos da sociedade humana pela antecipação do céu na

4. Ninguém contra Deus senão o próprio Deus. *Dichtung und Wahrheit*, início do capítulo 4.